

# O português de herança falado na Alemanha: conhecimento dos tempos verbais<sup>1</sup>

Tânia Lopes Senra

Universidade do Minho  
tania.senra@ilch.uminho.pt

Abstract:

This paper aims at investigating the linguistic competence of Heritage Speakers (HS) of European Portuguese living in Germany. By analyzing their competence concerning the Portuguese tenses *Pretérito Perfeito* and *Pretérito Imperfeito*, with no direct equivalence in the tense system of their dominant language (German), attention is drawn to the possibilities of crosslinguistic influence, lack of or reduced input, incomplete acquisition, and competence divergence. The results indicate that, regardless of the type of speaker, age determines possible (and later overcome) difficulties in the domain of the analyzed tenses, and that, globally, HS perform native-like, thus refuting the hypothesis of an incomplete acquisition.

Keywords: heritage language, tense and aspect, European Portuguese

Palavras-chave: língua de herança, tempo e aspeto, Português Europeu

## 1. Introdução

Embora o bilinguismo de herança constitua um fenómeno já amplamente estudado, sob diferentes abordagens metodológicas, o conceito de ‘língua de herança’ (LH) é relativamente recente, sobretudo no campo de investigação da aquisição da linguagem. Falamos de língua e respetivos falantes de herança (FH) quando nos referimos a um tipo particular de bilinguismo: aquele que se desenvolve pelo contacto de duas línguas em contexto de emigração. No caso particular da emigração portuguesa, LH designa o português falado pelas gerações lusodescendentes, residentes nos vários países que acolhem emigrantes portugueses. Precisamente neste ano, a emigração portuguesa é-nos recordada com a celebração dos 50 anos sobre a assinatura e entrada em vigor do acordo bilateral entre Portugal e a Alemanha no que respeita o recrutamento de trabalhadores portugueses nessa República Federal. Em termos linguísticos, a biografia migratória (específica, e da comunidade portuguesa em particular,) acarreta importantes fenómenos que (ainda) carecem de um olhar mais atento. A tendência inicial de observar a competência linguística destes FH no que concerne a língua do país de acolhimento tem sido gradualmente completada com um novo e importante enfoque nas características da língua de herança transmitida pela primeira geração de emigrantes às seguintes.

Este estudo observa especificamente as segunda e terceira gerações da comunidade portuguesa, nascidas e residentes na Alemanha, dando conta de particularidades da competência linguística das mesmas no que concerne a sua língua de herança (português) sob influência da sua língua dominante (alemão). Procura-se, assim, identificar domínios possivelmente vulneráveis atendendo às características específicas destes falantes.

Partindo do contraste entre tempos verbais parcialmente não-equivalentes entre a língua alemã e portuguesa, procura responder-se à questão central suscitada pelo fenómeno do bilinguismo de herança e atualmente fortemente debatida: Serão os FH diferentes dos falantes nativos monolíngues (FM) na sua competência linguística? Será, ainda, o processo de aquisição da LH incompleto? E o que influencia o domínio da mesma?

Este debate atual suscita (tentativas de) respostas divergentes, desde concepções de uma aquisição incompleta da língua de herança, conforme sugerido por Montrul (2008), até à constatação de que existe

---

<sup>11</sup> Este estudo integra o projeto individual de doutoramento financiado pela FCT sob referência SFRH/BD/73233/2010.

um fenómeno de erosão linguística (Polinsky, 2011). Mais recentemente, aponta-se ainda para a possibilidade de estar em curso uma mudança linguística, resultado de uma exposição limitada à LH e consequente *input* reduzido, bem como de pouca ou nenhuma escolarização nessa mesma língua (Pires, 2011; Rinke & Flores, 2014). Não menos importante é, no entanto, reconhecer que a LH “no seu estado final” não deverá ser medida pela aquisição completa de um falante nativo monolíngue (Pires, 2011): não só a qualidade e quantidade de *input* são divergentes, como também os próprios falantes monolíngues apresentam diferentes graus de domínio da sua língua materna. Flores e Barbosa (2012) demonstram ainda que os FH poderão dispendir mais tempo na aquisição de determinados aspetos linguísticos, não deixando, porém, de os adquirir. E Santos e Flores (2013), no seu estudo sobre a distribuição de advérbios e produção da elipse verbal, observam que crianças portuguesas residentes na Alemanha apresentam resultados muito próximos de crianças que crescem em Portugal, apenas com exposição ao português, relativamente às propriedades linguísticas em estudo. É este debate em torno da competência linguística de FH que o presente estudo retoma, aplicando um teste de escolha a grupos infantis e adultos com vista a determinar se o processo de aquisição da LH é incompleto e/ou se se verifica a existência de erosão ou perda de competência.

Assim, as secções seguintes seguem esta estrutura: na secção 2, elucidam-se as características dos FH de português europeu (PE) residentes na Alemanha. Em 3., apresenta-se o quadro teórico respeitante ao contraste entre tempos verbais no alemão e em português, partindo do modo indicativo e incidindo sobre os tempos verbais potencialmente críticos. É na secção 4 que é introduzido o estudo propriamente dito, abordando o teste de escolha aplicado. Segue-se, na secção 5, uma breve apresentação das hipóteses e questões de investigação. Os resultados e sua discussão encontram-se na secção 6. e 7., culminando com a sua conclusão em 8.

## 2. Falantes de herança de português europeu na Alemanha

A vaga de emigração para a Alemanha induzida pela assinatura, a 17 de Março de 1964, do acordo bilateral de contratação de trabalhadores portugueses veio marcar a biografia migratória de uma comunidade hoje bem enraizada nesse país de acolhimento. A primeira geração de emigrantes portugueses<sup>2</sup> partira em busca de oportunidades de trabalho, com o intuito de, num curto período de tempo, regressar à sua terra natal. Volvidos cinquenta anos, muitas dessas famílias permanecem naquele que outrora seria apenas um país de curta estadia.

Ainda jovens e com a sua estadia provisória a prolongar-se de ano para ano, os emigrantes de primeira geração viram os seus filhos nascer e/ou crescer nesse país. Cultivando a sua língua materna, transmitiram o português aos seus filhos – a segunda geração. Ora esta segunda geração de emigrantes (se é que os poderemos apelidar de ‘emigrantes’, questão que não será abordada neste estudo, já que o ultrapassa), nascida na Alemanha, desde sempre foi exposta a duas línguas: o português, sua língua de herança transmitida pelos pais, e o alemão, a língua do país de acolhimento. A ordem de aquisição destas línguas dita que o português – a primeira língua a ser adquirida – seja considerada a sua L1. Sensivelmente até aos dois/três anos de idade, o contacto linguístico destes falantes quase se cinge ao português, já que é a língua utilizada no seio familiar e em casa. No entanto, à medida que esta segunda geração é envolvida no meio onde vive (contacto com vizinhos, ida à creche, exposição a televisão e rádio, entre outros), o alemão torna-se cada vez mais frequente até que, (o mais tardar) com o início da escola primária, assume o papel de língua dominante. Como tal, o uso da língua de herança (português) passa a ser limitado, restringindo-se sobretudo às interações com os pais, em casa. Importa aqui referir que os pais destes falantes, portanto os emigrantes de primeira geração, geralmente frequentaram o ensino português até à então chamada “quarta classe”, pelo que esta literacia certamente também influencia o uso vernáculo a ser transmitido aos FH.

Com o início da escola primária, os FH têm à sua disposição a possibilidade de frequentar um “Curso de Língua e Cultura Portuguesas”, usualmente apelidado de “escola portuguesa” e disponibilizado através do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, com a contratação de professores pelo Estado português. Estas aulas, de carácter não-obrigatório, são lecionadas sobretudo nos grandes centros urbanos,

<sup>2</sup> Não se trata, obviamente, da primeira geração de emigrantes em termos históricos, sendo que aqui se toma como ponto de partida a vaga de emigração descrita.

pelo que nem todos os potenciais alunos usufruem desta oferta. Acresce o facto de estas aulas terem lugar após o horário letivo da escola alemã frequentada, ou ainda aos sábados, geralmente totalizando apenas duas a três horas semanais. Nelas, os alunos são instruídos em português, recebendo formação básica em língua, literatura, geografia e história portuguesas. Ao passo que, há aproximadamente duas décadas e por diversas razões, estes cursos de português funcionavam apenas até ao 9º ano, gradualmente aumentando a oferta até ao 10º, hoje já é possível concluir o referido curso após doze anos de escolaridade.

Em Hamburgo, cidade nortenha da Alemanha onde foi conduzido este estudo, vive a maior comunidade de emigrantes portugueses nesse país, ocupando todo um quarteirão (*Portugiesenviertel*) com estabelecimentos gastronómicos. É também nesta cidade que as crianças lusodescendentes agora podem frequentar, desde a escola primária até à conclusão do ensino secundário, um programa de ensino bilingue ‘alemão-português’. Neste, a sala de aula é partilhada por dois professores – um alemão e um português –, os quais leccionam os mesmos conteúdos didáticos, alternando a língua de instrução<sup>3</sup>.

O contacto com a língua de herança é, assim, limitado a contextos específicos: ora (oralmente) no seio familiar, ora nas aulas (facultativas) de Português. O uso desta língua transmitida pelos pais/avós não é, todavia, exclusivo no ambiente doméstico. Fala-se também a língua alemã com os diversos interlocutores, sobretudo com os irmãos. A frequência de uso de cada uma destas línguas, bem como a quantidade e qualidade de *input* disponível, é, por conseguinte, heterogénea nesta comunidade.

Assim, quando se abordam os falantes de herança de português europeu na Alemanha não se pressupõe que se trate de um grupo uniforme. Para além do tipo e quantidade de *input* disponível e da variação quanto à frequência de aulas extracurriculares de LH, também as questões de identidade individual e coletiva poderão influenciar o desempenho linguístico destes falantes.

### 3. Tempos verbais em alemão e português: a problemática das não-equivalências

Em Senra (2011), conclui-se que alguns tempos verbais do passado aparentam ser problemáticos para os FH adultos de segunda geração. É sobretudo a distinção entre o Pretérito Perfeito (PP) e o Pretérito Imperfeito (PI) que parece suscitar mais dúvidas ou hesitações entre estes falantes.

A problemática fulcral reside no facto de os tempos verbais Pretérito Perfeito/Pretérito Imperfeito não terem correspondência direta quando transpostos para o sistema verbal alemão. Assim, a forma verbal do Pretérito Imperfeito (“eu comprava”) encontra correspondência tanto no *Perfekt* (“ich habe gekauft”) como no *Präteritum* (“ich kaufte”), conforme exemplificado em (1) e (2). Exatamente as mesmas correspondências se aplicam à forma verbal do Pretérito Perfeito simples (“eu comprei”), novamente transponíveis para o *Perfekt* e *Präteritum* ((3) e (4), respetivamente).

(1) Antigamente, eu comprava selos no quiosque.

*Damals habe ich Briefmarken am Kiosk gekauft.*

(2) Antigamente, eu comprava selos no quiosque.

*Damals kaufte ich Briefmarken am Kiosk.*

(3) Ainda há pouco tempo comprei selos no quiosque.

*Noch vor kurzem habe ich Briefmarken am Kiosk gekauft.*

(4) Ainda há pouco tempo comprei selos no quiosque.

*Noch vor kurzem kaufte ich Briefmarken am Kiosk.*

Ao considerar estes (e outros) tempos verbais, impõe-se considerar também a indissociável categoria ‘aspeto’, tanto lexical (sobretudo as classes aspetuais), como também gramatical (incluindo-se, aqui, as formas e os verbos aspetuais). Ressalta aqui uma importante condicionante ao contrapôr as línguas em questão: ao contrário do que se observa no português, o alemão quase não exprime aspeto através dos tempos verbais. Quando alguma informação aspetual é dada, esta está maioritariamente presente em construções perifrásticas complexas (Klein, 1994) e pode ainda exprimir-se através de prefixos verbais, conforme exemplificado em (6), ou do emprego de advérbios, como em (7).

<sup>3</sup> Importa referir que as turmas bilingues não são exclusivamente frequentadas por crianças bilingues ou FH, havendo falantes monolíngues alemães, ou até de outras nacionalidades, a usufruir desta oferta.

- (5) *Maria hat den Apfel ganz aufgegessen.*  
 Maria tem a maçã toda **PREF**comida  
 ‘A Maria comeu a maçã toda até ao fim.’
- (6) *Wir spielen gerade.*  
 nós brincamos agora  
 ‘Estamos a brincar (agora).’

Ainda dentro do aspeto, importa ter em conta o aspeto lexical expresso pelas classes aspetuais. Embora muitas tenham sido as propostas de definição destas mesmas classes, e não havendo consenso no que respeita esta matéria, servirá de base a proposta de Vendler (1967). Assim, consideram-se aqui quatro classes aspetuais, a saber: (a) estados/*states*, (b) atividades/*activities*, (c) processos culminados/*accomplishments* e (d) culminações/*achievements*.

Entendem-se por *estados* situações que não se alteram ao longo do tempo, tais como “ser magro”, “gostar de música” ou “falar italiano”. Para as *atividades*, são considerados atos dinâmicos e que se mantêm ao longo de toda a sua duração, permitindo intervalos que, no entanto, não interrompam o decurso da atividade em si: “estudar durante toda a tarde” e “passear o cão pelo parque da cidade” são apenas alguns exemplos. Na classe dos *processos culminados* incluem-se eventos durativos, mas restringidos no tempo, tais como “pintar um retrato em vinte minutos” ou “confecionar um bolo”. Por fim, as *culminações* retratam situações instantâneas como “espirrar” ou “cair”.

Regressando, então, aos tempos verbais potencialmente críticos, estes são-no sobretudo pelos diferentes usos que lhes são conferidos. Assim, ao passo que o Pretérito Perfeito é claramente um tempo do passado, o Pretérito Imperfeito contém informação do passado, sem, no entanto, muitas vezes apresentar características propriamente temporais, podendo indicar hábitos ou iterações. Já o *Perfekt* é tido como um tempo verbal que “oscillates between a tense interpretation and aspect interpretation” (Klein, 1994:111), relatando a conclusão ou consumação de um acontecimento no passado, podendo dele resultar uma situação conseqüente no presente (“*vollendete Gegenwart*”). Pode ainda referir-se a um acontecimento a ser concluído ou consumado no futuro, caso em que substitui o *FuturII*. Por outro lado, o *Präteritum* é utilizado sobretudo no relato de histórias e contos, e conhecido, por isso, por «tempo de narração» (“*Erzähltempus*”), referindo-se a acontecimentos no passado que já estão concluídos nesse mesmo passado.

Conjugando, agora, tempo verbal e aspeto, importa perceber onde exatamente residem as dificuldades demonstradas por falantes bilingües de português e alemão, como observado em Senra (2011).

#### 4. O estudo

##### 4.1 Participantes

No total, este estudo permitiu testar 56 participantes. Estes repartem-se por quatro grupos, consoante se trate de FH em idade infantil ( $n = 15$ ) ou adulta ( $n = 12$ ), ou de FM em idade infantil ( $n = 15$ ) ou adulta ( $n = 14$ ), estes últimos assumindo o papel de grupos de controlo.

No grupo das quinze crianças bilingües (Cri\_Bil), a idade das mesmas varia entre os 8 e os 9 anos, apresentando uma média de 8.47 ( $DP=0.52$ ). O respetivo grupo de controlo das 15 crianças nativas monolinguês (Cri\_Nat) apresenta uma média de idade de 9.40 ( $DP=0.99$ ), variando entre os 8 e os 11 anos de idade.

O grupo dos FH adultos (Adu\_Bil) totaliza 12 participantes, cuja média de idade é de 28.00 ( $DP=5.46$ ), variando entre os 20 e os 37 anos de idade. Já o grupo de controlo adulto (Adu\_Nat), com 14 participantes, varia entre os 18 e os 35 anos de idade, apresentando uma média de 28.36 ( $DP=4.57$ ).

A recolha de informação sociolinguística assegura que todos os FH têm como LH o português (L1) e como língua dominante o alemão (L2). Estes participantes bilingües nasceram na Alemanha ou emigraram para este país inclusive até aos 3 anos, sendo pelo menos um dos pais português (no caso das crianças), mas maioritariamente ambos (no caso dos adultos, sem exceção). Deste modo, o contacto com a LH português foi iniciado em ambiente familiar, em casa. Quanto à escolarização na sua LH, todos os

participantes frequenta(ra)m o ensino facultativo de português, com diferentes graus de escolaridade obtidos por entre o grupo adulto. O grau de escolaridade alemão varia igualmente, pelo que os respetivos grupos de controlo partilham dessa característica. De igual modo, o nível socio-económico situa-se na classe média entre grupos.

Os grupos-alvo, bem como os de controlo, foram testados nas respetivas zonas nortenhas do país onde vivem – na Alemanha, a recolha decorreu essencialmente em Hamburgo. Foi ainda assegurado que os grupos de controlo não dispusessem de conhecimentos de alemão e que nunca tenham vivido, por qualquer período de tempo, num país germanófono.

#### 4.2 Metodologia

O teste de escolha reveste a forma de um breve conto elaborado com base nas combinações de tempo e aspeto consideradas. Assim, são 40 os contextos em que os participantes procedem à escolha obrigatória entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito. Estes dois tempos verbais (PP e PI) são combinados com cada uma das quatro classes aspetuais propostas (estados, atividades, processos culminados e culminações), num total de cinco ocorrências por cada uma das oito combinações possíveis. Daí resultam contextos como os abaixo enunciados, representando, respetivamente e a título de exemplo, estados no PI (7), atividades no PP (8), processos culminados no PI (9), ou ainda culminações no PP (10).<sup>4</sup>

- (7) [Estrelita] **\*morou/morava** desde pequenina com a sua família num prédio da cidade-da-núvem-azul.
- (8) Estrelita **andou/\*andava** durante horas pela cidade à procura do circo.
- (9) (...) perguntando logo se Estrelita ainda **\*levou/levava** o cão a passear...
- (10) (...) por isso a Estrelita **tocou/\*tocava** à campainha para que alguém lhe abrisse a porta rapidamente.

O teste, em papel para os adultos, é adicionalmente apresentado com suporte de imagens (numa apresentação em PowerPoint) no caso dos grupos infantis, sendo que nenhum limite temporal é imposto. Todos os participantes dispõem da possibilidade de corrigir escolhas anteriores e, no caso dos grupos infantis, a história é lida juntamente com o entrevistador.

Os resultados são calculados como médias de respostas esperadas, para cada uma das oito combinações de tempo e aspeto possíveis, e expressos em percentagens.

Ao restringir as opções pelo PP/PI, descurando outros tempos verbais do passado ou até deixando o respetivo espaço em branco, assegura-se que as escolhas recaiam obrigatoriamente sobre os tempos a testar. Ao mesmo tempo, a opção pela combinação destes com as classes aspetuais permite perceber, em concreto, onde residem eventuais dificuldades e se estas estão relacionadas com diferenças aspetuais.

Tratando-se de uma tarefa de produção, esta visa testar a competência linguística dos grupos em questão. No que concerne a sua *performance*, em livre discurso, serão ainda muito brevemente considerados os dados do corpus de fala espontânea apresentado em Senra (2011), constituído por dez entrevistas e apresentando um total de 93.372 palavras, para confirmar ou rejeitar os resultados obtidos.

#### 5. Hipóteses e questões de investigação

Num estudo conduzido com hispanofalantes de 2ª geração residentes nos EUA, Montrul (2002) conclui que estes falantes bilingues apresentam aquisição incompleta ou mesmo erosão relativa à categoria ‘aspeto’ na sua LH espanhol, confundindo o uso do pretérito perfeito e imperfeito. O presente estudo procura perceber se os FH portugueses, residentes na Alemanha, apresentam dificuldades semelhantes às detetadas por Montrul (2002).

Ao contrastar FH bilingues com falantes nativos monolíngues, importa verificar se estes apresentam competências linguísticas distintas. Caso se verifiquem, em prejuízo dos FH, estas diferenças poderão ser influenciadas pela L2 dominante, alemão, ou ainda pelas próprias características do *input* de português disponível. Recorde-se que, ao comparar falantes bilingues com falantes nativos monolíngues, se

<sup>4</sup> Importa referir que os contextos são criados de modo a tornar tão evidente e inequívoca quanto possível a opção por apenas um dos tempos verbais.

pressupõe que o ‘estado final’ de aquisição seja equivalente entre ambos. Por diversas razões, anteriormente mencionadas, sabemos, no entanto, que o tipo de *input* disponível em contexto de aquisição de LH diverge daquele que rege a aquisição em ambiente monolíngue. Em relação ao contraste entre falantes bilingues e monolíngues podem, então, formular-se as seguintes hipóteses:

H1: Verificando-se diferenças entre falantes bilingues e monolíngues, estas poderão ocorrer por influência da L2 (alemão), língua dominante dos FH. Neste caso, os FH não usam o Pretérito Perfeito e Imperfeito nos mesmos contextos dos FM.

No contraste entre crianças e adultos, por sua vez, procura isolar-se o fator “idade” no processo de aquisição. Deste modo, será possível analisar o papel da exposição à LH português ao longo do tempo. Para além da qualidade de *input* fornecido, a quantidade de exposição, acumulada ao longo do tempo, poderá ser igualmente pertinente, possivelmente existindo uma ‘quantidade ideal’ contínua desejável, tal como é sugerido por Unsworth (2013). Segundo esta autora, por ter quantitativamente menos *input* que um falante monolíngue, um falante bilingue pode necessitar de mais tempo de exposição à língua (“*cumulative exposure*”) para adquirir determinadas propriedades mais complexas. Esta ideia também é defendida por Flores e Barbosa (2012).

H2: Observando-se diferenças entre falantes em idade infantil e adulta, estas poderão relacionar-se com a exposição à língua portuguesa ao longo do tempo e no processo de aquisição. Neste caso, os falantes bilingues adultos apresentam diferenças relativamente às crianças bilingues, que poderão indicar desenvolvimento positivo da competência na LH. Este resultado iria contradizer a ideia de aquisição incompleta ou perda de competência ao longo do tempo.

No que concerne à questão concreta do tempo e aspeto, poderá o fator “escolarização” assumir um papel importante, tal como sugerido por Pires e Rothman (2009) ao defenderem que a exposição ao registo formal da LH é relevante. Assim, a distinção entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito pode, teoricamente, não ter sido adquirida, ou então estes dois tempos verbais poderão ser generalizados pelos FH. Existe ainda a possibilidade de uma aquisição completa, mas com preferência por um dos tempos ou então com escolha aleatória dos mesmos.

H3.1: Constatando-se défices na aquisição do PP/PI, poderá um dos tempos verbais ser generalizado pelos FH.

H3.2: Não se constatando défices na aquisição do PP/PI, poderão os FH demonstrar preferência por um dos tempos verbais, apesar de uma aquisição completa.

H3.3: Não se constatando défices na aquisição do PP/PI, poderão os FH proceder a escolhas aleatórias entre tempos verbais, apesar de uma aquisição completa.

Em última instância, a competência linguística dos FH – quando comparada com a de falantes monolíngues da mesma idade – poderá confirmar a até agora apontada aquisição incompleta ou mesmo erosão, atestar atrasos na aquisição de PP/PI ou, pelo contrário, indiciar uma competência semelhante à dos falantes nativos monolíngues.

## 6 Resultados

Os resultados do teste de escolha aplicado serão apresentados como médias de respostas esperadas, de cada um dos quatro grupos, e expressas em percentagens. São também quatro as categorias consideradas: médias (1) totais, (2) por tempo, (3) por classe aspetual e, por fim, (4) por combinação de tempo e aspeto.

Para efeitos estatísticos, e não tendo sido observada uma distribuição normal e/ou homogeneidade de variância dos dados obtidos, serão aplicados testes não-paramétricos no programa IBM SPSS, versão 22.<sup>5</sup>

### 6.1 Médias totais de respostas esperadas

Os resultados finais do teste de escolha distribuem-se, conforme listado a seguir, pelos quatro grupos testados: crianças nativas monolíngues (Cri\_Nat), crianças bilingues (Cri\_Bil), adultos nativos monolíngues (Adu\_Nat) e adultos bilingues (Adu\_Bil).

<sup>5</sup> Na comparação entre grupos, e por razões óbvias, será excluído o contraste entre falantes de herança em idade infantil e falantes nativos adultos.

| Grupo   | N  | Média | Desvio-padrão | Mín.  | Máx.  |
|---------|----|-------|---------------|-------|-------|
| Cri_Nat | 15 | 66.83 | 14.89         | 45.00 | 95.00 |
| Cri_Bil | 15 | 52.58 | 12.04         | 32.50 | 72.50 |
| Adu_Nat | 14 | 90.71 | 4.85          | 77.50 | 97.50 |
| Adu_Bil | 12 | 80.83 | 8.94          | 65.00 | 95.00 |

**Quadro 1 - Médias totais de respostas esperadas por grupo**

Ressalta deste quadro que os grupos infantis e os grupos adultos se situam muito próximos entre si, destacando-se ambos os grupos infantis pela variação intergrupo representada pelos valores de desvio-padrão (*DP*) de 14.89 e 12.04. Constata-se, ainda, que o grupo dos adultos monolíngues (*Adu\_Nat*) apresenta uma média de acerto total de 90.71%, pelo que poderá ser tida como *baseline* de comparação entre grupos. Próxima desta, situa-se a média de acertos do grupo de adultos bilingues, com 80.83%. Já as crianças apresentam médias de respostas esperadas bastante inferiores às dos adultos. As crianças nativas monolíngues apresentam uma média de 66.83%, superior à obtida pelo grupo das crianças bilingues, com apenas 52.58%.

Um teste de Kruskal-Wallis revela existirem diferenças significativas, nestas médias totais, em função do grupo de falantes,  $\chi^{2(3)} = 35.110$ ,  $p < .001$ . Testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni apontam para diferenças entre os grupos:

- *Cri\_Nat* (*ordem média* = 9.50) e *Adu\_Nat* (*ordem média* = 20.89),  $U = 22.500$ ,  $z = -3.634$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.67$
- *Cri\_Bil* (*ordem média* = 8.37) e *Adu\_Bil* (*ordem média* = 21.04),  $U = 5.500$ ,  $z = -4.128$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.79$
- *Adu\_Nat* (*ordem média* = 17.79) e *Adu\_Bil* (*ordem média* = 8.50),  $U = 24.000$ ,  $z = -3.116$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.61$ .

Assim, existem diferenças significativas entre crianças e adultos, tanto por entre os falantes bilingues, como também monolíngues. Destaque, também, para as diferenças detetadas entre adultos, as quais serão retomadas em 6.4. No entanto, é de realçar que entre os grupos infantis, *Cri\_Nat* (*ordem média* = 19.37) e *Cri\_Bil* (*ordem média* = 11.63), não são apontadas diferenças significativas ( $U = 54.500$ ,  $z = -2.411$ ,  $p = .015$ ,  $r = -0.44$ ).

## 6.2 Médias de respostas esperadas por tempo

A análise das respostas esperadas por tempo verbal pretende identificar possíveis tendências na escolha entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito. Assim, nos devidos contextos criados, a escolha deverá recair apenas sobre o PP (11a) ou apenas sobre o PI (11b), conforme exemplificado:

- (11) a. Ela sempre **quis/\*queria** aprender a fazer truques de malabarismo.  
 b. O apartamento **\*foi/era** muito pequeno.

Deste modo, caso sejam detetadas preferências por um dos tempos verbais, estas poderão ser analisadas à luz das hipóteses anteriormente apresentadas relativamente a uma possível generalização ou escolha aleatória. As médias de acerto classificadas por tempo verbal (PP/PI) constam, então, do quadro 2.

No que respeita o Pretérito Perfeito, destaca-se a média de respostas esperadas obtida pelos falantes adultos monolíngues (94.29%), sendo a mais elevada entre grupos. Situa-se próximo deste valor a média obtida pelos falantes adultos bilingues, com uma média de acerto de 88.75%. Já os grupos bilingues apresentam valores distantes: as crianças monolíngues ficam-se pelos 50.67%, enquanto que as crianças bilingues apresentam o valor mais baixo entre grupos neste tempo verbal (34.67%).

A condição do Pretérito Imperfeito apresenta valores mais elevados. Assim, a média de acertos mais alta é obtida pelo grupo dos falantes adultos monolíngues (86.07%), seguindo-se o das crianças igualmente monolíngues (83.00%). Os falantes de herança em idade adulta obtêm uma média de acertos de 72.92%, sendo seguidos pelas crianças igualmente bilingues (70.50%).

| Variável                  | Grupo                | Média | Desvio-padrão | Mín.  | Máx.   |
|---------------------------|----------------------|-------|---------------|-------|--------|
| Pretérito Perfeito (PP)   | Cri_Nat <sup>a</sup> | 50.67 | 31.22         | 5.00  | 100.00 |
|                           | Cri_Bil <sup>a</sup> | 34.67 | 26.24         | .00   | 70.00  |
|                           | Adu_Nat <sup>b</sup> | 94.29 | 6.16          | 75.00 | 100.00 |
|                           | Adu_Bil <sup>c</sup> | 88.75 | 9.32          | 70.00 | 100.00 |
| Pretérito Imperfeito (PI) | Cri_Nat <sup>a</sup> | 83.00 | 14.86         | 50.00 | 100.0  |
|                           | Cri_Bil <sup>b</sup> | 70.50 | 22.28         | 20.00 | 100.0  |
|                           | Adu_Nat <sup>c</sup> | 86.07 | 10.03         | 55.00 | 95.00  |
|                           | Adu_Bil <sup>d</sup> | 72.92 | 16.02         | 50.00 | 100.00 |

<sup>a</sup>n=15. <sup>b</sup>n=14. <sup>c</sup>n=12.

#### Quadro 2- Médias de respostas esperadas por tempo verbal

Assim, observa-se uma média de respostas esperadas mais elevada na condição do Pretérito Imperfeito no caso dos dois grupos infantis. Os falantes de herança bilingues apresentam médias inferiores às obtidas pelos falantes monolingues nas diferentes condições. Ambos os grupos infantis demonstram fragilidades no uso do Pretérito Perfeito, destacando-se o grupo infantil bilingue com a mais baixa média de acerto (34.67%). Já os grupos adultos têm uma *performance* muito semelhante no que respeita ambos os tempos verbais, havendo em ambos os grupos uma variância semelhante. É de realçar a proximidade entre os grupos infantis entre si (Cri\_Nat e Cri\_Bil), bem como entre os grupos adultos (Adu\_Nat e Adu\_Bil) em ambas as condições testadas. Destaque ainda para o facto de, em ambos os grupos, serem obtidas classificações máximas individuais de 100%.

Um teste de Kruskal-Wallis revela existirem diferenças significativas, nestas médias de acerto por tempo verbal, em função do grupo de falantes,  $\chi^2(3) = 33.544$ ,  $p < .001$ . Testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni identificam essas diferenças *apenas no Pretérito Perfeito* e entre os seguintes grupos:

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.73) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.64),  $U = 26.00$ ,  $z = -3.513$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.65$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.83) e Adu\_Bil (*ordem média* = 19.21),  $U = 27.500$ ,  $z = -3.067$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.59$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.03) e Adu\_Bil (*ordem média* = 21.46),  $U = .500$ ,  $z = -4.379$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.84$ .

Ressalta o facto de não existirem diferenças significativas entre grupos no que concerne o tempo verbal “Pretérito Imperfeito” ( $\chi^2(3) = 8.195$ ,  $p = .042$ ). Destaca-se, ainda, que existem novamente diferenças entre os grupos infantil e adulto, tanto por entre os falantes de herança, como por entre os falantes nativos. Por fim, também entre crianças monolingues e adultos bilingues são apontadas diferenças.

Em concreto, as crianças bilingues têm uma clara preferência pelo Pretérito Imperfeito nos contextos obrigatórios de Perfeito. No entanto, também as crianças monolingues apresentam esta preferência. Os FH adultos demonstram um domínio mais equilibrado, sem tendências de generalização.

### 6.3 Médias de respostas esperadas por classe aspetual

As (possíveis) preferências por apenas um dos dois tempos verbais são agora completadas com a subdivisão em classes aspetuais. Assim, poderão as escolhas dos respetivos falantes estar relacionadas com o facto de se tratar de (12a) estados, (12b) atividades, (12c) processos culminados ou (12d) culminações, conforme os exemplos seguintes:

- (12) a. Ela sempre **foi**/\***era** muito corajosa.  
 b. E ali, um palhaço **\*aprendeu/aprendia** a fazer truques de malabarismo.  
 c. De repente, **esvaziou**/\***esvaziava** o frigorífico.  
 d. Estrelita **tocou**/\***tocava** à campainha.



Considerando a divisão dos resultados obtidos pelas classes aspetuais testadas, as médias de respostas esperadas são as apresentadas no quadro 3.

| Variável             | Grupo                | Média | Desvio-padrão | Mín.  | Máx.   |
|----------------------|----------------------|-------|---------------|-------|--------|
| Estados              | Cri_Nat <sup>a</sup> | 72.00 | 22.42         | 30.00 | 100.00 |
|                      | Cri_Bil <sup>a</sup> | 46.00 | 22.30         | 10.00 | 90.00  |
|                      | Adu_Nat <sup>b</sup> | 98.57 | 3.63          | 90.00 | 100.00 |
|                      | Adu_Bil <sup>c</sup> | 89.17 | 10.84         | 70.00 | 100.00 |
| Atividades           | Cri_Nat <sup>a</sup> | 60.00 | 14.14         | 40.00 | 90.00  |
|                      | Cri_Bil <sup>b</sup> | 50.17 | 12.12         | 30.00 | 70.00  |
|                      | Adu_Nat <sup>c</sup> | 84.29 | 7.56          | 70.00 | 90.00  |
|                      | Adu_Bil <sup>d</sup> | 78.33 | 12.67         | 60.00 | 100.00 |
| Processos culminados | Cri_Nat <sup>a</sup> | 66.00 | 16.82         | 50.00 | 100.00 |
|                      | Cri_Bil <sup>b</sup> | 54.50 | 12.68         | 40.00 | 80.00  |
|                      | Adu_Nat <sup>c</sup> | 92.86 | 9.14          | 80.00 | 100.00 |
|                      | Adu_Bil <sup>d</sup> | 83.33 | 13.71         | 60.00 | 100.00 |
| Culminações          | Cri_Nat <sup>a</sup> | 69.33 | 14.86         | 40.00 | 100.00 |
|                      | Cri_Bil <sup>b</sup> | 59.67 | 19.32         | 30.00 | 90.00  |
|                      | Adu_Nat <sup>c</sup> | 87.14 | 12.04         | 50.00 | 100.00 |
|                      | Adu_Bil <sup>d</sup> | 72.50 | 14.85         | 50.00 | 100.00 |

<sup>a</sup>n=15. <sup>b</sup>n=14. <sup>c</sup>n=12.

**Quadro 3 – Médias de respostas esperadas por classe aspetual**

Nos estados, constata-se, de novo, que os falantes monolíngues apresentam médias superiores às dos falantes bilingues: as crianças bilingues (46.00%) são superadas pelas monolíngues (72.00%), assim como os adultos monolíngues (98.57%) apresentam um valor mais alto do que os bilingues (89.17%). Nas restantes condições, são os grupos adultos (mono- e bilingues) os que obtêm as médias de acerto mais elevadas. Os grupos infantil e adultos mantêm resultados próximos entre si, à exceção da classe aspetual dos estados. Nesta, as crianças bilingues demonstram uma *performance* claramente inferior ao esperado (46.00%). Note-se, ainda, que entre os FH adultos há, novamente, classificações máximas obtidas em todas as classes aspetuais.

Na classe aspetual dos *estados*, o teste de Kruskal-Wallis aponta para a existência de diferenças entre grupos, com  $\chi^2(3) = 33.61$ ,  $p = .000$ . Testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni identificam diferenças significativas entre os seguintes grupos:

- Cri\_Nat (*ordem média* = 19.87) e Cri\_Bil (*ordem média* = 11.13),  $U = 47.000$ ,  $z = -2.740$ ,  $p = .006$ ,  $r = -0.50$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.13) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.21),  $U = 32.000$ ,  $z = -3.502$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.65$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.43) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.96),  $U = 6.500$ ,  $z = -4.115$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.79$ .

De facto, confirma-se a existência de diferenças entre crianças bilingues e monolíngues no uso de estados, sendo que os FH demonstram um baixo domínio dos mesmos. No entanto, crianças e adultos apresentam diferenças entre si em ambos os grupos de falantes.

No que concerne às *atividades*, o teste de Kruskal-Wallis remete igualmente para diferenças entre grupos,  $\chi^2(3) = 32.78$ ,  $p = 0.000$ . Testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni situam essas diferenças entre os seguintes grupos:

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.27) e Adu\_Nat (*ordem média* = 21.14),  $U = 19.000$ ,  $z = -3.851$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.72$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.00) e Adu\_Bil (*ordem média* = 19.00),  $U = 30.000$ ,  $z = -2.978$ ,  $p = .003$ ,  $r = -0.57$

- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.67) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.67),  $U = 10.000$ ,  $z = -3.958$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.76$ .

Também nesta classe aspetual se verifica existirem diferenças entre crianças e adultos em ambos os grupos de falantes, bilingues e monolingues, apontando novamente o fator “idade” como importante elemento. Este dado confirma-se com os acertos obtidos pelas crianças monolingues e pelos adultos bilingues, apresentando diferenças significativas.

O teste de Kruskal-Wallis deteta igualmente diferenças entre grupos no que respeita os *processos culminados*,  $\chi^2(3) = 31.86$ ,  $p = .000$ . Testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam diferenças entre os seguintes grupos:

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.47) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.93),  $U = 22.000$ ,  $z = -3.706$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.69$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.50) e Adu\_Bil (*ordem média* = 18.38),  $U = 37.500$ ,  $z = -2.599$ ,  $p = .009$ ,  $r = -0.50$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.83) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.46),  $U = 12.500$ ,  $z = -3.832$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.74$ .

Os processos culminados apresentam exatamente as mesmas diferenças significativas entre grupos mencionadas anteriormente, destacando, de novo, o papel da idade de aquisição como sendo importante.

Em relação às *culminações*, o teste de Kruskal-Wallis aponta para diferenças existentes entre grupos, com  $\chi^2(3) = 18.98$ ,  $p = .000$ . Os testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam diferenças entre os seguintes grupos:

- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.27) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.07),  $U = 34.000$ ,  $z = -3.186$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.59$
- Adu\_Nat (*ordem média* = 17.43) e Adu\_Bil (*ordem média* = 8.92),  $U = 29.000$ ,  $z = -2.938$ ,  $p = .004$ ,  $r = -0.58$ .

Nas culminações, as diferenças resumem-se, portanto, aos contrastes entre falantes de diferentes idades (crianças vs. adultos), independentemente de estes serem falantes nativos ou de herança.

#### 6.4 Médias de respostas esperadas por tempo e aspeto

Na combinação entre tempo verbal e classe aspetual, as diferentes condições testadas resumem-se a (15a) estados no PP, (15b) estados no PI, (15c) atividades no PP, (15d) atividades no PI, (15e) processos culminados no PP, (15f) processos culminados no PI, (15g) culminações no PP e (15h) culminações no PI, conforme listado abaixo:

- (15)a. Ela sempre **gostou**/\***gostava** muito de animais e do circo.
- b. O cão **\*chamou-se/chamava-se** Rex.
- c. Naquele momento, ela **chorou**/\***chorava** muito.
- d. Ali, um elefante **\*dançou/dançava** ao som da música.
- e. Estrelita **trocou**/\***trocava** imediatamente de roupa.
- f. E além, o mágico **\*fez/fazia** desaparecer um coelho numa cartola.
- g. Foi ela quem lhe **abriu**/\***abria** a porta.
- h. Já **\*escureceu/escurecia**.

Relativamente aos **estados no PP e no PI**, as respetivas médias de acerto encontram-se no quadro 4.

Confirmando os resultados apresentados em 6.2, por entre as crianças parece ser a combinação com o Pretérito Perfeito aquela em que têm resultados mais baixos, sobretudo no grupo dos FH, com uma média de acerto de apenas 25.33% - havendo, no entanto, falantes neste grupo com classificação máxima de 100%, como, aliás, em todos os restantes casos.

| Variável  | Grupo                | Média  | Desvio-padrão | Mín.   | Máx.   |
|-----------|----------------------|--------|---------------|--------|--------|
| Estado_PP | Cri_Nat <sup>a</sup> | 49.33  | 39.18         | 0      | 100.00 |
|           | Cri_Bil <sup>a</sup> | 25.33  | 27.74         | 0      | 100.00 |
|           | Adu_Nat <sup>b</sup> | 97.14  | 7.26          | 80.00  | 100.00 |
|           | Adu_Bil <sup>c</sup> | 81.67  | 19.92         | 40.00  | 100.00 |
| Estado_PI | Cri_Nat <sup>a</sup> | 94.67  | 11.87         | 60.00  | 100.00 |
|           | Cri_Bil <sup>b</sup> | 66.67  | 34.37         | 0      | 100.00 |
|           | Adu_Nat <sup>c</sup> | 100.00 | .00           | 100.00 | 100.00 |
|           | Adu_Bil <sup>d</sup> | 96.67  | 7.79          | 80.00  | 100.00 |

<sup>a</sup>n=15. <sup>b</sup>n=14. <sup>c</sup>n=12.

#### Quadro 4 – Médias de respostas esperadas por tempo e aspeto (1)

O teste de Kruskal-Wallis revela existirem diferenças significativas, em função do grupo de falantes, apenas na combinação com o Pretérito Perfeito. Os testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam-nas nos seguintes grupos:

**Estado** no Pretérito Perfeito,  $\chi^2(3) = 28.79$ ,  $p < .001$ :

- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.13) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.21),  $U = 32.000$ ,  $z = -3.503$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.65$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.87) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.42),  $U = 13.000$ ,  $z = -3.815$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.73$ .

Mais uma vez, é entre crianças e adultos que as diferenças ocorrem. O tipo de falante – de herança ou nativo monolíngue – parece não influenciar o respetivo desempenho.

Quanto às **atividades no PP e no PI**, as médias de acerto distribuem-se da seguinte forma:

| Variável     | Grupo                | Média | Desvio-padrão | Mín.  | Máx.   |
|--------------|----------------------|-------|---------------|-------|--------|
| Atividade_PP | Cri_Nat <sup>a</sup> | 36.00 | 30.43         | 0     | 100.00 |
|              | Cri_Bil <sup>b</sup> | 32.33 | 28.96         | 0     | 80.00  |
|              | Adu_Nat <sup>c</sup> | 84.29 | 11.58         | 60.00 | 100.00 |
|              | Adu_Bil <sup>d</sup> | 73.33 | 24.62         | 20.00 | 100.00 |
| Atividade_PI | Cri_Nat <sup>a</sup> | 84.00 | 17.24         | 60.00 | 100.00 |
|              | Cri_Bil <sup>b</sup> | 68.00 | 30.05         | 20.00 | 100.00 |
|              | Adu_Nat <sup>c</sup> | 84.29 | 13.99         | 60.00 | 100.00 |
|              | Adu_Bil <sup>d</sup> | 83.33 | 16.70         | 60.00 | 100.00 |

#### Quadro 5 – Médias de respostas esperadas por tempo e aspeto (2)

Também nesta classe aspetual se destaca a baixa média de acertos na combinação com o Pretérito Perfeito por entre os grupos infantis, com médias muito próximas entre si. Também entre crianças e adultos se verifica uma maior distância quando se trata de atividades no PP. No entanto, importa referir que – exceptuando o caso das crianças bilingues relativamente às atividades no PP – também aqui se constata acertos máximos (100%) por entre os restantes grupos. O teste de Kruskal-Wallis confirma existirem diferenças significativas, em função do grupo de falantes, na combinação de atividade com o PP ou PI. Os testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam os respetivos grupos:

**Atividade** no Pretérito Perfeito,  $\chi^2(3) = 25.98$ ,  $p < .001$

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.63) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.75),  $U = 24.500$ ,  $z = -3.604$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.67$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 10.20) e Adu\_Bil (*ordem média* = 18.75),  $U = 33.000$ ,  $z = -2.834$ ,  $p = .004$ ,  $r = -0.55$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 9.67) e Adu\_Bil (*ordem média* = 19.42),  $U = 25.000$ ,  $z = -3.231$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.62$ .

Confirmam-se, assim, diferenças de desempenho entre crianças e adultos, tanto nos grupos monolíngues como nos bilingues. Mais uma vez, também as crianças nativas apresentam uma *performance* distinta da dos adultos bilingues, especificamente nas atividades no PP.

No contraste entre **processos culminados no PP e no PI**, as médias de acerto dos diferentes grupos apresentam-se da seguinte forma:

| Variável      | Grupo                | Média  | Desvio-padrão | Mín.   | Máx.   |
|---------------|----------------------|--------|---------------|--------|--------|
| Proc. culm_PP | Cri_Nat <sup>a</sup> | 52.00  | 36.88         | 0      | 100.00 |
|               | Cri_Bil <sup>b</sup> | 37.00  | 32.39         | 0      | 80.00  |
|               | Adu_Nat <sup>c</sup> | 100.00 | .00           | 100.00 | 100.00 |
|               | Adu_Bil <sup>d</sup> | 100.00 | .00           | 100.00 | 100.00 |
| Proc. culm_PI | Cri_Nat <sup>a</sup> | 80.00  | 21.38         | 40.00  | 100.00 |
|               | Cri_Bil <sup>b</sup> | 72.00  | 24.84         | 20.00  | 100.00 |
|               | Adu_Nat <sup>c</sup> | 85.71  | 18.28         | 60.00  | 100.00 |
|               | Adu_Bil <sup>d</sup> | 66.67  | 27.41         | 20.00  | 100.00 |

<sup>a</sup>n=15. <sup>b</sup>n=14. <sup>c</sup>n=12.

#### Quadro 6 – Médias de respostas esperadas por tempo e aspeto (3)

Também nesta classe aspetual é a combinação com o PP que apresenta valores mais baixos por entre os grupos infantis. Os grupos adultos, que se mantêm muito próximos, apresentam ainda uma média de acerto de 100%, precisamente nessa mesma combinação com o Pretérito Perfeito. Nos processos culminados no Pretérito Imperfeito, não se constata dificuldades nem diferenças aparentes entre falantes. O teste de Kruskal-Wallis revela existirem diferenças significativas, em função do grupo de falantes, apenas na combinação dos processos culminados no PP. Os testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam os respetivos grupos:

**Processo culminado** no Pretérito Perfeito,  $\chi^2(3) = 40.19$ ,  $p < .001$

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.40) e Adu\_Nat (*ordem média* = 21.00),  $U = 21.000$ ,  $z = -4.111$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.76$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.20) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.00),  $U = 18.000$ ,  $z = -3.870$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.74$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.00) e Adu\_Bil (*ordem média* = 21.50),  $U = .000$ ,  $z = -4.623$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.89$ .

Tal como anteriormente, as diferenças são detetadas entre os falantes infantis e adultos por entre os grupos monolíngues e bilingues. Do mesmo modo, também as crianças nativas ainda não apresentam médias comparáveis às dos adultos bilingues, pelo que, também nesta condição, o fator “idade” prevalece sobre o de “tipo de falante”.

Por fim, no que concerne as **culminações no PP e no PI**, os grupos testados obtiveram as médias de acerto constantes do quadro 7.

Mais uma vez, são as crianças bilingues a obter a mais baixa média de acertos no PP, ficando bastante distante dos valores obtidos pelas crianças monolíngues. Já os grupos adultos acertaram em todos os contextos obrigatórios de culminação no Pretérito Perfeito. No entanto, é na combinação com o Pretérito Imperfeito que os falantes de herança adultos demonstram um desempenho claramente inferior não só em relação aos adultos monolíngues, mas também no que concerne os restantes grupos. Não menos importante é o facto de, em todos os grupos, ser atingida a média de acerto máxima por alguns participantes.

| Variável      | Grupo                | Média  | Desvio-padrão | Mín.   | Máx.   |
|---------------|----------------------|--------|---------------|--------|--------|
| Culminação_PP | Cri_Nat <sup>a</sup> | 65.33  | 31.59         | 0      | 100.00 |
|               | Cri_Bil <sup>b</sup> | 44.00  | 37.19         | 0      | 100.00 |
|               | Adu_Nat <sup>c</sup> | 100.00 | .00           | 100.00 | 100.00 |
|               | Adu_Bil <sup>d</sup> | 100.00 | .00           | 100.00 | 100.00 |
| Culminação_PI | Cri_Nat <sup>a</sup> | 73.33  | 24.69         | 20.00  | 100.00 |
|               | Cri_Bil <sup>b</sup> | 75.33  | 23.56         | 20.00  | 100.00 |
|               | Adu_Nat <sup>c</sup> | 74.29  | 24.09         | 0      | 100.00 |
|               | Adu_Bil <sup>d</sup> | 45.00  | 29.70         | 0      | 100.00 |

<sup>a</sup>n=15. <sup>b</sup>n=14. <sup>c</sup>n=12.

#### Quadro 7 – Médias de respostas esperadas por tempo e aspeto (4)

O teste de Kruskal-Wallis revela existirem diferenças significativas, em função do grupo de falantes, nas combinações abaixo listadas. Os testes de Mann-Whitney com correção de Bonferroni evidenciam os respetivos grupos.

**Culminação** no Pretérito Perfeito,  $\chi^2(3) = 34.07$ ,  $p < .001$

- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.87) e Adu\_Nat (*ordem média* = 20.50),  $U = 28.000$ ,  $z = -3.861$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.72$
- Cri\_Nat (*ordem média* = 9.60) e Adu\_Bil (*ordem média* = 19.50),  $U = 24.000$ ,  $z = -3.628$ ,  $p = .001$ ,  $r = -0.70$
- Cri\_Bil (*ordem média* = 8.80) e Adu\_Bil (*ordem média* = 20.50),  $U = 12.000$ ,  $z = -4.115$ ,  $p = .000$ ,  $r = -0.79$ .

**Culminação** no Pretérito Imperfeito,  $\chi^2(3) = 10.27$ ,  $p < .05$ .

- Adu\_Nat (*ordem média* = 17.43) e Adu\_Bil (*ordem média* = 8.92),  $U = 29.000$ ,  $z = -2.938$ ,  $p = .004$ ,  $r = -0.58$ .

Na combinação das culminações com o Pretérito Perfeito, verificam-se diferenças significativas entre grupos já anteriormente detetadas. Assim, é novamente no contraste entre grupos infantis e adultos que essas diferenças são apontadas, deixando de parte a tipologia de falante. As diferenças entre crianças monolíngues e adultos bilingues, com estes últimos a obterem médias de acerto mais altas, confirmam que a aquisição em idade infantil ainda está a decorrer, sendo completada em idade adulta (e, mais uma vez, independentemente de se tratar de FH ou FM). Nas culminações no PI é, por fim, detetada a fragilidade demonstrada pelos FH adultos, os quais, com uma média de acerto de apenas 45%, ficam muito aquém do desempenho demonstrado até dos grupos infantis, incluindo bilingues.

## 7 Discussão

Contrastando, agora, todos os resultados, obtém-se um interessante padrão registado no quadro 8, em que as diferenças estatisticamente significativas entre grupos são assinaladas por asterisco.

| Variável                | Cri_Nat<br>Cri_Bil | Cri_Nat<br>Adu_Nat | Cri_Nat<br>Adu_Bil | Cri_Bil<br>Adu_Bil | Adu_Nat<br>Adu_Bil |
|-------------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| Total                   |                    | *                  |                    | *                  | *                  |
| Pretérito Perfeito      |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Pretérito Imperfeito    |                    |                    |                    |                    |                    |
| Estado                  | *                  | *                  |                    | *                  |                    |
| Atividade               |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Processo culminado      |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Culminação              |                    | *                  |                    |                    | *                  |
| Estado (PP)             |                    | *                  |                    | *                  |                    |
| Estado (PI)             |                    |                    |                    |                    |                    |
| Atividade (PP)          |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Atividade (PI)          |                    |                    |                    |                    |                    |
| Processo culminado (PP) |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Processo culminado (PI) |                    |                    |                    |                    |                    |
| Culminação (PP)         |                    | *                  | *                  | *                  |                    |
| Culminação (PI)         |                    |                    |                    |                    | *                  |

**Quadro 8 - Diferenças significativas entre grupos, por condição testada**

Constatamos que, no total, existem diferenças significativas entre crianças e adultos, tanto entre falantes monolíngues (Cri\_Nat/Adu\_Nat), como entre bilingues (Cri\_Bil/Adu\_Bil). Constata-se, ainda, que as diferenças entre os grupos adultos se situam especificamente nas culminações no PI, mas não nas outras condições. A condição ‘culminações no PI’ é, de facto, a única na qual os adultos bilingues apresentam resultados divergentes dos adultos monolíngues. Importa recordar que, tanto por entre falantes monolíngues como bilingues, a variância intergrupo reflete competências linguísticas individuais por vezes distintas. Mesmo nos casos ‘críticos’ apontados, existem acertos próximos dos 100% - não excetuando os falantes de herança. Assim, de modo geral os FH não apresentam um conhecimento divergente dos FM no que concerne a distinção entre PP e PI, revelando apenas um conhecimento instável no domínio das culminações no PI, em fase adulta. O facto de ambos os grupos infantis obterem médias de respostas esperadas mais elevadas no PI remete para um conhecimento ainda instável, naquelas idades, relativamente ao PP. Em geral, estes dados contradizem, por conseguinte, a ideia de uma aquisição incompleta ou mesmo erosão.

As diferenças relatadas nas classes aspetuais revelam um padrão bastante consistente. Também aqui se observam diferenças entre crianças e adultos (Cri\_Nat/Adu\_Nat e Cri\_Bil/Adu\_Bil), destacando-se apenas a inexistência de diferenças nas culminações entre crianças e adultos bilingues. Visto que os grupos adultos diferem entre si precisamente no domínio desta classe aspetual, poderá concluir-se que os adultos bilingues apresentam um domínio semelhante ao das crianças bilingues neste domínio específico. Por conseguinte, podemos assumir que falantes de herança poderão apresentar um desenvolvimento retraído neste domínio específico. Por outro lado, é aqui identificado o domínio instável dos estados por parte de ambos os grupos infantis, podendo indicar que se trata de um item ainda em aquisição, já que, em fase adulta, não apresenta dificuldades (em nenhum dos grupos adultos). O fator ‘idade’ poderá, assim, ser potencialmente relevante na aquisição desta classe aspetual. Também na classe aspetual das atividades se verifica existirem diferenças entre crianças e adultos em ambos os grupos de falantes, bilingues e monolíngues, apontando novamente o fator ‘idade’ como importante elemento.

Conjugando os tempos verbais e as classes aspetuais, observa-se, de novo, um padrão consistente. Curiosamente, à exceção das culminações, nos restantes casos as diferenças entre grupos ocorrem juntamente com o Pretérito Perfeito. Diferem, novamente, os resultados obtidos por crianças e por adultos, de modo consistente entre os tipos de falantes. No caso específico das atividades no PP, as crianças nativas apresentam uma *performance* distinta da dos adultos bilingues, indicando que a aquisição em idade infantil ainda se desenvolve, estando completa em idade adulta (também por entre os FH). Ressalta

ainda o contraste entre falantes adultos, reafirmando as dificuldades reveladas pelos adultos bilingues no que concerne as culminações, especificando o seu uso no PI. Excetuando este caso específico, destaca-se igualmente o facto de não existirem diferenças significativas entre os grupos adultos (Adu\_Nat e Adu\_Bil), nem entre os grupos infantis (Cri\_Nat e Cri\_Bil), indicando um processo de aquisição semelhante.

Também os dados de fala espontânea obtidos em Senra (2011) sugerem que se trate de uma aquisição semelhante: naqueles contextos aleatórios, o Pretérito Perfeito é empregue corretamente pelos FH adultos em 97.70% dos casos e o Pretérito Imperfeito em 94.69% das ocorrências. Curiosamente, em contextos obrigatórios de PI com escolha (errónea) de PP – e vice-versa – estas escolhas ocorrem maioritariamente com estados.

No que concerne, então, as hipóteses previamente estacelecidas, a H1 não se verifica, sendo que nenhuma influência da língua dominante foi detetada, isto é, não se verifica uma tendência consistente de escolha errada de um determinado tempo em nenhum grupo bilingue. As diferenças que ocorrem entre falantes bilingues e monolíngues cingem-se ao domínio instável dos FH adultos no que respeita as culminações no PI.

Relativamente às diferenças observadas entre falantes em idade infantil e adulta, estas são significativas na maiorias das condições analisadas, indicando que se trata, de facto, de um fator relevante. Tanto as crianças bilingues como as monolíngues parecem percorrer o mesmo percurso de aquisição, sendo que os FH em idade adulta praticamente não diferem dos FM adultos.

No que respeita os tempos verbais aqui abordados, ambos os grupos infantis denotam uma clara preferência pelo PI em contextos que favorecem o PP. Já os falantes adultos, incluindo os de herança, não demonstram tal preferência, não havendo, portanto, generalização de um tempo verbal (H3.1). Sendo que os FH adultos demonstram um domínio equilibrado de ambos os tempos, rejeitam-se também as hipóteses H3.2 e H3.3 relativas a preferências ou aleatoriedade de escolha.

## 8 Conclusão

Os dados obtidos neste estudo permitem concluir que, globalmente, não há uma aquisição incompleta dos tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito por parte dos falantes de herança, contrariando, assim, resultados anteriormente defendidos (Montrul, 2002, 2008). Ainda em termos globais, a competência linguística dos falantes de herança é semelhante à dos falantes nativos monolíngues, com a particularidade de os FH, em fase adulta, apresentarem instabilidade no caso concreto das culminações no Pretérito Imperfeito.

O facto de as crianças bilingues demonstrarem fragilidades no uso dos estados não reflete défices de competência, senão uma aquisição em curso e semelhante à das crianças monolíngues, já que, em fase adulta, esses aparentes défices são superados. É, de resto, pertinente observar que também as preferências pelo uso de Pretérito Imperfeito em contextos obrigatórios de Pretérito Perfeito são características em ambos os grupos infantis, não sendo uma particularidade das crianças bilingues. Do mesmo modo, também este contraste é completamente adquirido em fase adulta.

Se, globalmente, as crianças bilingues se comportam do mesmo modo que as crianças monolíngues, e os adultos bilingues quase não diferem dos adultos monolíngues, então os falantes de herança não diferem tanto dos falantes nativos monolíngues quanto se pressupõe. Pelo tipo de input (mais reduzido), poderão os FH demorar mais tempo a adquirir alguns aspetos linguísticos, mas o processo de aquisição – mesmo que condicionada – não parece diferir da aquisição L1. Confirmamos, assim, conclusões de outros estudos defendendo que a competência de FH a nível da sua língua de herança não difere muito da competência de falantes monolíngues da mesma idade (Santos & Flores, 2013).

## Referências

- Flores, C. & Barbosa, P. (2012) When reduced input leads to delayed acquisition: a study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *International Journal of Bilingualism*. OnlineFirst.

- Klein, W. (1994) *Time in language*. London: Routledge.
- Montrul, S. (2008) *Incomplete Acquisition in Bilingualism: Re-examining the Age Factor*. Amsterdam: John Benjamins.
- Montrul, S. (2002) Incomplete acquisition and attrition of Spanish tense/aspect distinction in adult bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition* 5(1), pp.39-68.
- Pires, A. (2011) Linguistic competence, poverty of the stimulus and the scope of native language acquisition. In. Cristina Flores (org.) *Múltiplos olhares sobre o bilinguismo. Transversalidades II*. Coleção Hespérides. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 115-143.
- Pires, A. & Rothman, J. (2009) Disentangling sources of incomplete acquisition: An explanation for competence divergence across heritage grammars. *International Journal of Bilingualism* 13, pp. 211-238.
- Polinsky, M. (2011) Reanalysis in adult heritage language: A case for attrition. *Studies in Second Language Acquisition* 33, pp. 305-328.
- Rinke, E. & Flores, C. (2014) Heritage Portuguese bilinguals' morphosyntactic knowledge of clitics. *Bilingualism: Language and Cognition, FirstView Article*, pp.1-19.
- Santos, A.L. & Flores, C. (2013) Elipse do SV e distribuição de advérbios em Português Língua de Herança e L2. In. F. Silva, I. Falé & I. Pereira (orgs.), *Textos Seleccionados do XVIII Encontro da APL*, pp. 563-584.
- Senra, T. (2011) *Sprachkompetenz der 2. Generation portugiesischer Migranten in Hamburg: unvollständiger Erwerb?* Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Unsworth, S. (2013) Assessing the role of current and cumulative exposure in simultaneous bilingual acquisition: The case of Dutch gender. *Bilingualism: Language and Cognition* 16, pp. 86-110.
- Vendler, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press.